

ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS/DISCURSIVOS NA AMAZÔNIA PARAENSE

(Livro de trabalhos do IV EVEL)

Marcos dos Reis Batista
Suellen Cordovil da Silva
Organizadores

Autores e autoras

Ana Paula Vieira e Souza	Joyce Cristina Farias de Amorim
Antonia Camila Paulino Sales	Malúzia Ribeiro da Cruz e Rosa
Arlen Maia de Melo	Marcilene Damasceno Xavier
Cristiane de Mesquita Alves	Marcos dos Reis Batista
Cristina de Nazaré do Carmo de Souza	Maria Adélia Santos da Cruz
Danilo de Sousa Ferreira	Mayara Haydee Lima Sena
Elinaldo Chaves dos Santos	Míriam Cemira Pereira do Nascimento
Fernando Soares Lago	Paula Aleixo da Conceição
Haline Fernanda Silva Melo	Rayene Maria do Nascimento
Helder Fabricio Brito Ribeiro	Renato Carlos Dias de Oliveira
Hellen Cristina Aleixo Azeredo Moura	Sandra Regina Silva de Almeida
Janice Souza Santos	Thais Santana dos Santos
Joana Darc Almeida Barreto	Thomas Massao Fairchild
José Guilherme de Oliveira Castro	Vanda Ester Lira Costa
	Wellingson Valente dos Reis

φ editora fi

O ESPAÇO E O TEMPO NA PERSPECTIVA DO MARAVILHOSO NA OBRA *MACUNAÍMA* DE MÁRIO DE ANDRADE

Marcilene Damasceno Xavier

Maria Adélia Santos da Cruz

Paula Aleixo da Conceição

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Neste trabalho, falaremos sobre como decorre o tempo e o espaço na obra *Macunaíma* de Mário de Andrade. E dentro dessa análise iremos mostrar as características modernistas, e as características estilísticas do autor, como o uso da rapsódia, que se refere à musicalidade na obra, bem como o maravilhoso, para explicar o irreal dentro da narrativa. Para tanto nos apoiaremos, nos seguintes autores: Massaud Moisés (1989), Marinho (2006), Neves (2013) e Alfredo Bosi (1994).

Tendo em vista que a na obra de Mário de Andrade *Macunaíma* (2008) há uma transmutação na lógica do espaço, pretende-se analisar e entender o sentido das mudanças em uma perspectiva mitológica. Refletindo a relação de sentido nessas transformações, uma vez que, o tempo e o espaço fazem parte da construção da narrativa. Além de identificar as características estilísticas do escritor Mário de Andrade e possibilitar uma reflexão a respeito da linguagem e da construção literária no modernismo.

INTRODUÇÃO

Mário Raul Moraes de Andrade nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1893. Após cursar o secundário no Ginásio N. S. do Carmo, forma-se professor de História da Música. Em 1917, estreia com um volume de poesia, “Há uma gota de sangue em cada poema”, sob o pseudônimo de Mário Sobral. Mário foi também um

grande pesquisador, realizou várias viagens pelo Brasil para documentar os costumes do povo brasileiro. Tendo como característica a escrita coloquial próximo da oralidade, aproveitamento de recursos musicais e o nacionalismo. *Macunaíma* (2008) é uma narrativa mítica que rompe com os modelos anteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 - conteúdo, forma e estrutura-. A obra é considerada uma rapsódia conforme explica MASSAUD, (1989). “[...] *Macunaíma* classifica-se, de acordo com o autor, de rapsódia. Repudiando, assim, as denominações propriamente literárias em favor de um vocábulo tomado de empréstimo à música [...]” (MASSAUD, 1989, pág.60). Esse fato faz com que a obra seja comparada a *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, narrativas que se mesclam de diversos temas populares [...] Bosi (1994 p.352), afirma que Mário de Andrade foi um folclorista adulto, capaz de sondar a mensagem e os meios expressivos de nossa arte primitiva nas áreas mais diversas (música, dança e medicina).

DESENVOLVIMENTO

O livro *Macunaíma* (2008) de Mário de Andrade faz parte da primeira fase modernista, também conhecida como fase heroica. Etapa em que os artistas tiveram maior compromisso em desconstruir e combater toda uma tradição das estéticas literárias anteriores, *Macunaíma* (2008), apresenta bastantes influências das vanguardas europeias, principalmente no processo inovador do uso da linguagem deixando de lado o aspecto formal e aproximando da oralidade, podemos observar no seguinte trecho da obra: “Foram pra casa botar pelego por debaixo do lençol porque por terem brincado com fogo aquela noite, na certa que iam mijar na cama. Foram todos dormir. E a escuridão se fez” (ANDRADE, 2008, p. 119).

Essa desconstrução característica da primeira fase é uma forma de criticar o movimento majestoso e erudito da literatura parnasiana principalmente o aspecto formal das obras. Na obra

Macunaíma, segundo Borges Filho (2008) existem três representações de espaços: realista, imaginativo e fantasista.

Realista, o espaço construído na obra semelha-se à realidade cotidiana da vida real. Nesse caso, o narrador se vale frequentemente das citações de lugares existentes. No imaginativo, os lugares que são mencionados na obra literária não existem no mundo real, [...] São lugares inventados, imaginados pelo narrador, no entanto, são lugares semelhantes aos que vemos em nosso mundo. No fantasista, podem ser encontrados espaços que não possuem nenhuma semelhança com a realidade e que não seguem nenhuma regra do mundo natural que conhecemos. Esses mundos têm suas próprias regras. Borges filho (2008, *apud* Neves 2013).

Portanto, *Macunaíma* transita por esses espaços, no seu próprio tempo, sendo que no início da narrativa descreve-se o meio natural, ou seja, onde ele vive, no caso a mata e depois as viagens dele com seus irmãos para outras cidades, o meio cultural. O espaço cultural está incluso no espaço realista que pode ser analisado através dos exemplos dos nomes das cidades citadas, como São Paulo, Pernambuco, Santarém, Rio Grande e outras, por tais serem reais.

No outro dia *Macunaíma* depois de brincar cedinho com a linda Iriqui, saiu pra dar uma voltinha. Atravessou o reino encantado da Pedra Bonita em Pernambuco e estava chegando na cidade de Santarém topou com uma viada parida (ANDRADE, 2008, p. 26).

Diferente dos espaços imaginativos, que podem aproximar-se da realidade, mas que tais só existem dentro da obra. Como podemos encontrar nessa citação do livro.

Caminhando caminhando, uma feita em que a arraiada principiava enxotando a escuridão da noite, escutaram longe um lamento de moça. Foram ver. Andaram légua e meia e encontraram uma cascata chorando sem parada (ANDRADE, 2008, p. 40).

A cascata é uma semelhança com a realidade, mas como ela foi descrita na obra, como uma cascata que chora, que tem sentimentos, é algo do imaginativo encontrado só na ficção. Enquanto o fantasista constitui-se com pura fantasia, sem nenhuma proximidade com a realidade, nele a ficção fica no próprio mundo inventado. “Lá chegando encontrou o gigante no portão” (ANDRADE, 2016, p. 31)

Como podemos perceber na obra, Macunaíma vai ao encontro de “Venceslau Pietro Pietra”, que é um gigante, sendo que esses tipos de personagem que só se encontram nas narrativas fantasiosas. E assim, a obra Macunaíma tem seus espaços movidos pelo místico, aproximando-se do irreal e do real.

RAPSÓDIA

Inicialmente Mário de Andrade chamou seu livro de “história” querendo aproxima-lo das narrativas populares pelo fato de ter algo de comum com esse gênero. No entanto, não era um título lacônico foi então que resolveu chama-lo de “rapsódia”. De certo, que Macunaíma apresenta-se como as rapsódias musicais, uma variedade de motivo popular e variedade de estilos presente na obra: A epopeia é um desses estilos por se tratar da construção do herói.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma (ANDRADE, 2008, pág.13).

O romance narra a história de um herói com seus feitos memoráveis causando uma admiração diante de suas ações grandiosas características do poema épico. Outro atributo da

rapsódia é a imitação dos estilos, ou seja, a paródia, que consiste em empregar em novo contexto uma composição que já existia, como pode-se observar no romance, no capítulo IX (carta pras Icamíabas) uma paródia à carta de Pero Vaz de Caminha que é também uma crítica a linguagem padrão de forma satírica e irônica.

O MARAVILHOSO EM *MACUNAÍMA*

Na obra de Mário de Andrade, podemos encontrar a musicalidade, que nos remete a um ritmo folclórico, pois Macunaíma durante suas trajetórias nos mostra seres místico encontrados nas histórias folclóricas brasileiras. Direcionando assim proximidade com o maravilhoso, pois nos mostra passagens irrealis, imaginárias.

O maravilhoso revela o oculto, ou seja, aquilo que se esconde atrás da realidade cotidiana e nela se realiza, impondo da imaginação que rompe os limites do impossível. Ele se alia às descobertas daquilo que o primeiro ou anterior e, sendo assim, se faz seminal e dotado de grande força criativa que dá vazão à sua poeticidade. Essa poeticidade do maravilhoso tem suas sementes nas narrativas míticas, tanto quanto se baseia na ideia da eterna repetição cíclica dos protótipos literários assim como quando se transforma toda realidade em metáfora. (MARINHO, 2016, p. 13)

Portanto, o maravilhoso na obra de Macunaíma está na surrealidade em que as coisas acontecem no tempo e espaço que se desenvolve na narrativa, o personagem principal nos leva a vários lugares, tanto em território nacional quanto internacional, através de um tempo que na realidade é impossível de se realizar, mas que apenas o maravilhoso encontrado nas ficções poderia nos proporcionar como leitor, a realização do impossível.

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá.

Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. (ANDRADE, 2008, p.21)

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. (ANDRADE, 2016, p.49)

Mas, essa proximidade com o maravilhoso não pode ser comparada, segundo Massaud Moisés com o maravilhoso helênico ou cristão das obras de epopeia tradicionais, mas sim do imaginário que ludicamente faz parte das histórias populares do Brasil, e tem como personagem central um herói que é índio, negro, característica física do brasileiro.

O maravilhoso ludicamente concebido, e praticado por mentes ingênuas, peculiar às lendas e crendices disseminadas pelas principais etnias que constituem o brasileiro, “herói sem nem caráter” – eis o substrato de Macunaíma. À semelhança do Guesa, de Sousândrade, que erra pela dimensão das Américas, o herói brasilíndio percorre os quatro cantos do Brasil, vivendo a cada passo o seu rico e variado lendário; o maravilhoso é o próprio espaço dessa errância apenas interrompida pela morte, como se o sobrenatural brotasse da realidade do solo e da gente: o país todo é um palco de maravilhas, - eis o significado da frequência do mítico em Macunaíma. (MAUSSAUD, 1989, pág.61)

O maravilhoso está inserido no cotidiano do personagem, mas de uma forma aventureira, na qual Macunaíma vive indo de lugar em lugar, como se fosse uma mágica. Por mais que o maravilhoso seja algo irreal, ele não deixa de fazer parte da realidade, pois a imaginação faz tornar real aquilo que na prática é impossível. As cidades citadas na narrativa são reais, mas de uma certa forma dentro da obra são usadas como ponte entre o maravilhoso e o real.

ESPAÇO X AMBIENTAÇÃO

O espaço em uma narrativa pode-se dar em três aspectos: Físico, social e psicológico. O espaço físico acontece quando há um domínio específico da história, cenário da ação e da movimentação das personagens, o espaço social as atmosferas sociais e as ponderações geralmente é com a intenção de criticar os vícios e deformações da sociedade enquanto que, o espaço psicológico o ambiente psicológico são desprojetados e envolvem as experiências, os pensamentos e as emoções dos personagens. A obra *Macunaíma* é marcada por esses três tipos de espaço, no entanto a ambientação e o espaço muitas vezes são confundindo.

Para DIMAS (1986 pág. 20 APUD LINS, 1976 pág. 77) a ambientação seria o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado *ambiente*. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se certo conhecimento da arte narrativa.

A ambientação é conotada, não se manifesta claramente é implícita e os significados são mais complexos a partir da realidade, ou seja, a visão compartilhada pelo narrador acompanha a perspectiva da personagem. Observa-se no seguinte trecho “Andou légua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com o pulinho dos cajueiros” (ANDRADE, 2008 pág.23). O descritivismo é uma característica da ambientação introduzida pelo narrador. O espaço é denotado e explicito principalmente quando se trata do espaço físico e social que contém dados da realidade. Espaço geográfico também é composição na obra *mariodriana*, que são todos os estados e cidades, citados na obra a qual o personagem e os irmãos percorrem, e são lugares reais que pertence ao território tanto nacional, quando internacional.

TEMPO NA OBRA *MACUNAÍMA*

Por se tratar de uma narrativa mítica o tempo é indefinido, não se pode entender Macunaíma em termos de lógica, não há conexão em relação ao tempo, no entanto, no trecho a seguir nota-se a passagem do tempo com muita rapidez.

No fundo do mato-virgem **nasceu Macunaíma**, herói de nossa gente. [...] Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, Tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já **na meninice** fez coisas de sarapantar. De primeiro: **passou mais de seis anos** não falando. Sio incitavam a falar exclamava: — Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espionando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha Maanape **já velhinho e Jiguê na força de homem** (ANDRADE, 2008, pág.13).

Podemos perceber que apesar de não ter uma ordem cronológica, por esse trecho da narrativa analisamos a passagem do tempo na vida de Macunaíma, essa afirmativa pode ser comprovada pelos fragmentos em negritos “nasceu Macunaíma”, relata o seu nascimento: “já na meminice e passou mais de seis anos”, pode-se constatar a sua infância e adolescência e no trecho “já velhinho”, consta a sua idade mais avançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mário de Andrade em sua rapsódia veio desconstruir todo um estilo literário a partir de um misto de gêneros em uma mesma obra. *Macunaíma* ultrapassa os limites do tempo e espaço, levando-nos a viajar na surrealidade do imaginário. A descrição do “herói” como um sujeito preguiçoso e sonhador resume a postura do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir 2008
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARINHO, Celisa C. Alves. **Contribuições para uma poética do maravilhoso: um estudo comparativo sobre a Narratividade Literária e Cinematográfica**. São Paulo, 2006. Disponível em www.teses.usp.br/teses/.../TESE_CELISA_CAROLINA_ALVARES_MARINHO.pdf acessado em 12/ 03/ 2016
- MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira: modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1989. v.5
- NEVES, Siméia de Castro Ferreira. **A transgressão do espaço em Macunaíma**. João Pessoa, 2013. www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/alu/article/viewFile/1027/877